

ATIVIDADE DE HISTÓRIA – SEMANA 07 – PERÍODO 15 A 19 DE JUNHO DE 2020

DISTANCIAMENTO SOCIAL – COVID19

8º ANO A, B, C, D – PROFESSOR JOSÉ APARECIDO

Unidade Temática: O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise.

Objeto do Conhecimento: Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas.

Habilidades do Currículo Paulista: (EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial nas relações de trabalho, na produção e circulação de povos, produtos e culturas.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS:

- Assistir a vídeo-aula e fazer anotações em seu caderno, se necessário;
- Ler as páginas 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 33 do seu livro didático ou esse material;
- Copiar e responder as questões: 1 e 2 (página 27) – Explore (página 28) – 14 e 15 (página 30) – Explore (página 31) – 1, 2 e 3 (página 32) – 16, 17 e 18 (página 33):
- Somente responder as questões das páginas 34 e 35 (revisão) - não precisa copiar as perguntas!
- Enviar as fotos das atividades com identificação para o whatsapp do professor José Aparecido.

O regime de trabalho

Os operários eram submetidos a condições desumanas de trabalho. As fábricas em geral eram quentes, úmidas, sujas e escuras. As jornadas de trabalho chegavam a 14 ou 16 horas diárias, com breves pausas para refeições precárias.

Muitos trabalhadores desenvolviam doenças respiratórias por causa do ar poluído proveniente das máquinas. Os movimentos repetitivos dos braços provocaram lesões irreversíveis. Alguns operários, tomados pelo cansaço, sofriam graves acidentes de trabalho. Muitos deles ficavam incapacitados para o resto da vida.

Além disso, os trabalhadores se submetiam ao recebimento de salários muito baixos, ameaçados pela possibilidade de substituição, em razão da grande oferta de mão de obra disponível. Mulheres e crianças recebiam uma remuneração ainda menor, por isso, eram os mais empregados nas indústrias. Essa situação garantia uma ampla margem de lucro aos empregadores.



Trabalhadores de usina metalúrgica na cidade de Cambé, Paraná. Foto de 2016. Diferentemente do início da industrialização britânica, atualmente, a legislação trabalhista determina o cumprimento de normas relativas à segurança e à saúde do trabalhador.

Leitura complementar

Tempo, disciplina e trabalho nas fábricas

O surgimento do sistema fabril alterou a forma de perceber a passagem do tempo, antes ligada aos ciclos da natureza. Além disso, o controle do tempo passou a ser disputado entre patrões e operários.

“Era exatamente naquelas atividades – as fábricas têxteis e as oficinas – em que se impunha rigorosamente a nova disciplina de tempo que a disputa sobre o tempo se tornava mais intensa. No princípio, os piores mestres tentavam **expropriar** os trabalhadores de todo conhecimento sobre o tempo. ‘Eu trabalhava na fábrica do sr. Braid’, declarou uma testemunha:

‘Ali trabalhávamos enquanto ainda podíamos enxergar no verão, e não saberia dizer a que horas parávamos de trabalhar. Ninguém, a não ser o mestre e o filho do mestre, tinha relógio, e nunca sabíamos que horas eram. Havia um homem que tinha relógio [...]. Foi-lhe tirado e entregue à custódia do mestre, porque ele informara aos homens a hora do dia [...]’

Uma testemunha de Dundee dá um depoimento bastante semelhante:

‘[...] na realidade não havia horas regulares: os mestres e os gerentes faziam conosco o que desejavam. Os relógios nas fábricas eram frequentemente adiantados de manhã e atrasados à noite; em vez de serem instrumentos para medir o tempo, eram usados como disfarces para encobrir o engano e a opressão. Embora isso fosse do conhecimento dos trabalhadores, todos tinham medo de falar, e o trabalhador tinha medo de usar relógio, pois não era incomum despedirem aqueles que ousavam saber demais sobre a ciência das horas.’

Pequenos truques eram usados para diminuir a hora do almoço e aumentar o dia. ‘Todo industrial quer logo ser um cavalheiro’, disse uma testemunha perante a Comissão de Sandler:

‘E eles desejam se apossar de tudo o que for possível, assim o sino toca para a saída dos trabalhadores meio minuto depois da hora, e eles querem que todos entrem na fábrica dois minutos antes do tempo [...]. Se o relógio é como costumava ser, o ponteiro dos minutos é controlado pelo peso, de modo que, ao passar pelo ponto da gravidade, ele cai três minutos de uma só vez, o que lhes concede apenas 27 minutos, em vez de trinta.’

[...] A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda, formou seus comitês em prol de menos tempo de trabalho no movimento pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual adicional (1,5%) pelas horas trabalhadas fora do expediente. Eles tinham aceito as categorias de seus empregadores e aprendido a revidar os golpes dentro desses preceitos. Havia aprendido muito bem a sua lição, a de que tempo é dinheiro.”

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 293-294.

Expropriar: retirar algo de alguém.

Questões

Responda em seu caderno

1. O controle sobre o tempo foi objeto de disputa entre os operários e os industriários. Por que os inspetores impediam os trabalhadores de usarem relógios?
2. O trabalho nas fábricas se generalizou a partir da Revolução Industrial, e os trabalhadores, geração após geração, aprendiam a lidar com essa nova forma de trabalho. Como os operários passaram a se comportar em relação ao controle do tempo? O que eles haviam aprendido?

Material Digital Audiovisual
• Vídeo: *O trabalho infantil na Revolução Industrial*

Orientações para o professor acompanharem o Material Digital Audiovisual

As crianças nas fábricas

Atualmente, a exploração do trabalho infantil é considerada crime no Brasil. Os empregadores podem até ser presos caso contratem menores de 16 anos (exceto jovens de 14 anos ou mais, na condição de aprendiz).

No início da Revolução Industrial, o trabalho de crianças a partir de 6 anos era comum nas fábricas inglesas. De todos os trabalhadores das fábricas têxteis da década de 1830, por exemplo, cerca de 25% eram homens adultos, mais da metade eram mulheres e meninas, e o restante, rapazes com menos de 18 anos. Os patrões empregavam crianças, pois elas recebiam salários mais baixos e tendiam a ser mais obedientes. A jornada de trabalho podia ser tão extensa quanto a dos adultos, e muitas crianças chegavam a morar em instalações ligadas às fábricas.

Nas tecelagens eram as crianças que se espremiavam entre as máquinas para limpá-las ou alcançar algum carretel ou peça que caía no chão. Isso ocorria com frequência e causava constantes acidentes. Os castigos eram comuns, fossem por baixa produtividade, atrasos ou sono evidente. Leia a seguir um trecho das memórias de um aprendiz da fábrica têxtil de Cranbrook, na Inglaterra do início do século XIX. Os depoimentos começaram a ser publicados na década de 1830, o que pressionou o Parlamento britânico a abrir uma investigação sobre o assunto e a impor regras para o trabalho infantil na Inglaterra.

Explore

Responda em seu caderno

- Segundo o texto, como era a rotina das crianças nas fábricas?

“Íamos para o trabalho às seis da manhã sem nada para comer e sem fogo para nos aquecer. Por cerca de um ano nós nunca paramos para café da manhã. O café da manhã era trazido para a fábrica em

canecas de lata em grandes bandejas. Era leite, mingau e bolo de aveia. Eles traziam isso, e cada um pegava uma lata e tomava seu café como podia, sem parar de trabalhar. Fazíamos uma parada ao meio-dia, e tínhamos uma hora para o almoço, mas tínhamos que fazer a faxina durante aquela hora. Levávamos cerca de meia hora para limpar e colocar óleo nas máquinas. Então íamos comer o almoço, que cinco dias por semana era apenas torta de batata.”

NIXON, Nigel; HILL, Josselin. *Mill life at Styal, Cheshire: Quarry Bank Mill Trust/Willow Publishing, 1986. p. 21.*
In: DECCA, Edgar de; MENEGUELLO, Cristina. *Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores.* São Paulo: Atual, 1999. p. 59. (Coleção História geral em documentos)

BIBLIOTECA BRITÂNICA, LONDRES

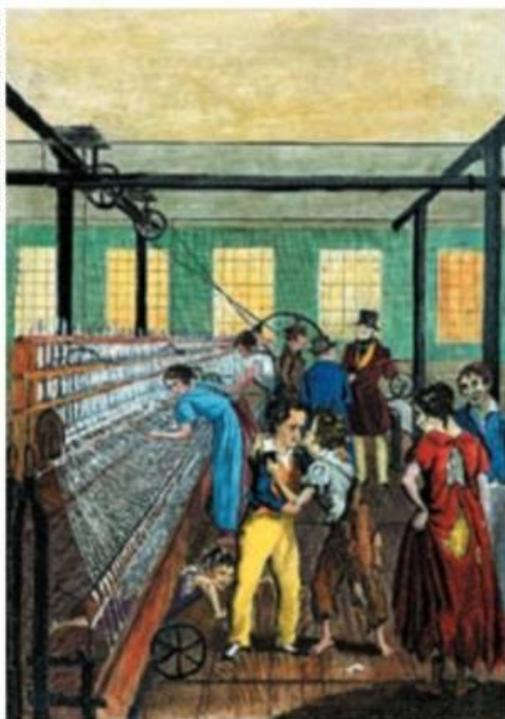


Ilustração de Auguste Hervieu representando crianças trabalhando em fábrica de tecidos de algodão, 1840. Biblioteca Britânica, Londres.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

A organização dos trabalhadores

No início da industrialização, os operários não tinham os direitos trabalhistas nem a organização sindical dos dias atuais. As leis que hoje regulam as relações entre empresas e funcionários ainda não existiam, e os abusos patronais eram frequentes.

As primeiras associações de trabalhadores apareceram no início do século XVIII e reuniam tecelões de manufaturas inglesas. Eles perceberam que teriam mais chances de conseguir aumentos salariais e melhores condições de trabalho se lutassem unidos.

Os primeiros protestos dos trabalhadores visavam destruir as máquinas procurando paralisar a produção. Tais movimentos e protestos eram organizados pelos **ludistas**, termo que deriva do nome de Ned Ludd, suposto líder do movimento.

Um dos episódios mais conhecidos ocorreu em abril de 1812, quando mais de cinquenta trabalhadores invadiram uma fábrica e destruíram boa parte de seus equipamentos. Treze participantes foram identificados, presos e condenados à morte.

A formação dos sindicatos

O movimento dos quebradores de máquinas possibilitou que os trabalhadores amadurecessem a sua luta e fundassem as principais associações operárias. Chamadas na Inglaterra de *trade unions*, essas associações, surgidas no final do século XVIII, são consideradas os primeiros sindicatos.

Em 1799, o governo inglês, pressionado pela burguesia industrial, proibiu a existência de sindicatos em toda a Inglaterra. Não interessava aos donos de fábrica que os trabalhadores se organizassem para exigir melhores salários e condições de trabalho.

Os sindicatos continuaram a agir na clandestinidade, denunciando as péssimas condições de trabalho e organizando a luta dos operários por direitos. Somente em 1871 os sindicatos foram legalizados na Inglaterra.

Saiba mais

Perder e ganhar tempo

O sistema fabril também alterou os significados atribuídos à passagem do tempo.

“O tempo, estabelecido pelo patrão, passou a valer dinheiro, e ao trabalhador restava apenas lutar pela regulamentação da jornada de trabalho. Dessa forma, [...] o tempo torna-se precioso, dando origem a ideias e expressões antes inteiramente inexistentes: ‘perdi tempo’, ‘ganhei tempo’ etc. [...] Passa-se a associar a perda de tempo à improdutividade e à preguiça.”

DECCA, Edgar de;
MENEQUELLO, Cristina.
*Fábricas e homens: a
Revolução Industrial e o
cotidiano dos trabalhadores.*
São Paulo: Atual, 1999.
p. 34-35. (Coleção História
geral em documentos)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



Massacre de Peterloo, gravura de George Cruikshank, 1819. Galeria de Arte de Manchester, Reino Unido. As manifestações operárias eram violentamente reprimidas pela polícia e pelo exército.

BRIDGEMAN IMAGES/KEystone BRASIL - GALERIA DE ARTE DE MANCHESTER



COLEÇÃO REAL, LONDRES

Manifestação cartista em Kennington Common, Londres, Reino Unido. Foto de 1848. O movimento cartista recorria a passeatas e outras formas de protesto para exigir maior participação na política.

O movimento cartista

A classe operária inglesa, além de não ter direitos trabalhistas, estava excluída da vida política e eleitoral. Em 1838, um grupo de trabalhadores redigiu uma declaração que ficou conhecida como **Carta do Povo**. O documento foi a primeira pauta de reivindicações políticas apresentada pelo operariado na Inglaterra. Nela, exigia-se igualdade de direitos eleitorais para todas as classes, representação operária no Parlamento, voto universal masculino, voto secreto e pagamento de salário para os parlamentares.

O documento circulou entre sindicatos de toda a Inglaterra e foi enviado ao Parlamento, que não atendeu às reivindicações dos manifestantes, acarretando o aumento da tensão política e social. O **movimento cartista**, como ficou conhecido, organizou novas greves e protestos e apresentou outras exigências, como redução da jornada de trabalho e aumento salarial.

As reivindicações do movimento cartista só começaram a ser atendidas a partir da segunda metade do século XIX, com a criação de leis que protegiam a saúde dos trabalhadores e limitavam a jornada de trabalho.

A legislação trabalhista

Os resultados da organização dos trabalhadores não apareceram de imediato. As leis de proteção ao trabalho na Inglaterra foram elaboradas aos poucos, ao longo do século XIX, como resultado da grande pressão exercida tanto pelos sindicatos quanto por movimentos de reivindicações políticas, a exemplo dos cartistas.

Em 1802, a jornada de trabalho das crianças foi limitada ao máximo de 12 horas diárias. Em 1819, proibiu-se o trabalho de menores de 9 anos, ampliando-se para 10 anos em 1833. No mesmo ano, uma lei determinou que duas horas do trabalho das crianças nas fábricas deveriam ser usadas para que elas frequentassem a escola. Em 1842, o trabalho de mulheres e crianças nas minas foi proibido.

Recapitulando

Responda em seu caderno

14. Aponte semelhanças e diferenças entre os movimentos ludista e cartista.
15. O que eram as *trade unions*?

Reprodução proibida. Art. 184 da Código Penal e Lei 9.610 de 18 de fevereiro de 1998.

A questão ambiental

As novas tecnologias surgidas com a Revolução Industrial e aplicadas nas fábricas geraram grandes impactos ambientais na Inglaterra. Além do interesse dos empresários em obter lucros elevados e rápidos, os danos causados à natureza com a industrialização podem ser explicados também pela visão, predominante na época, de que o ser humano, com sua inteligência, era o senhor da natureza.

Não havia, como hoje, preocupações ou estudos profundos sobre os impactos irreversíveis que o crescimento econômico desordenado poderia causar ao meio ambiente. As elites europeias do século XIX, em geral, estavam eufóricas com as conquistas da ciência e com as mercadorias que a indústria era capaz de produzir.

Fuligem e fumaça impregnavam o ar, detritos eram despejados nos rios, instalações industriais e abertura de novas rotas de comunicação, como as ferrovias, devastavam grandes áreas. Todas essas transformações alteraram a paisagem da Inglaterra e o modo de vida dos moradores. A Revolução Industrial inaugurou um estilo de vida cujos efeitos são hoje muito visíveis e preocupantes em todo o mundo.

“Nos últimos séculos, um modelo de civilização se impôs, alicerçado na industrialização, com sua forma de produção e organização do trabalho, a mecanização da agricultura, o uso intenso de agrotóxicos e a concentração populacional nas cidades. [...]”

Recursos não renováveis, como o petróleo, ameaçam escassear. De onde se retirava uma árvore, agora se retiram centenas. Onde moravam algumas famílias, consumindo escassa quantidade de água e produzindo poucos detritos, agora moram milhões de famílias, [...] gerando milhares de toneladas de lixo por dia.”

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos – apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 173-174.

Refletindo sobre

Na sua opinião, a relação da sociedade atual com o meio ambiente é similar à do início da industrialização? De que maneira você pode contribuir na escola, no bairro e em casa para melhorar a condição do meio ambiente? Debata com os colegas.

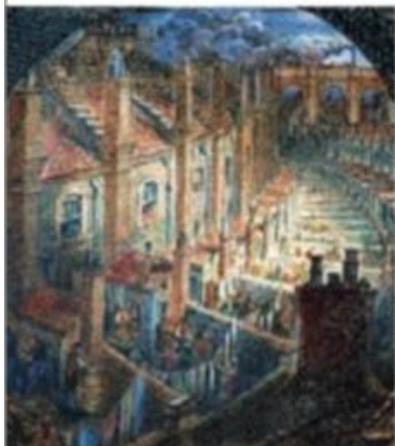
Explore

Responda em seu caderno

- Por que, com a industrialização, os danos causados pelo ser humano à natureza tornaram-se muito mais graves?

Gravura representando uma região industrial na cidade de Sheffield, Reino Unido, c. 1860.





Gravura de Gustave Doré, representando a vista de uma vila operária de Londres próxima aos trilhos do trem, 1872.

Grandes e caóticas cidades

Com a industrialização, as cidades inglesas começaram a crescer de maneira descontrolada. A população de Manchester era de cerca de 17 mil habitantes em 1760 e, em 1851, saltou para 400 mil. Londres, a capital inglesa, na segunda metade do século XIX atingiu 2 milhões e meio de habitantes.

Nesse período, as cidades industriais inglesas não contavam com transporte público. Os trabalhadores moravam em vilas operárias próximas às fábricas, uma forma de habitação incentivada pelos patrões para facilitar o acesso dos operários ao trabalho.

A divisão que ocorria nas fábricas também começou a se reproduzir nas cidades, com a formação de vilas operárias e de bairros burgueses. As áreas ocupadas pela burguesia e pelas classes médias localizavam-se no centro das cidades, enquanto os bairros operários situavam-se em zonas mais afastadas.

As vilas operárias

Os bairros operários recebiam poucos cuidados. As ruas eram estreitas, sujas e mal iluminadas. O ar era carregado de fumaça, fuligem e odores de sujeira. Não havia saneamento básico, e por isso as fossas ficavam a céu aberto. O abastecimento de água dependia dos poucos poços, bicas e fontes públicas.

As casas operárias eram geminadas e possuíam dois andares. No andar de cima existia um espaço onde homens, mulheres e crianças dormiam juntos. A concentração de pessoas, somada às péssimas condições de higiene nos bairros operários, facilitava a propagação de diversas doenças.

História em construção

Tempos difíceis, um testemunho histórico?

Tempos difíceis é um romance de Charles Dickens publicado pela primeira vez em 1854.

“[Coketown] Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem [...]. Era uma cidade de máquinas e chaminés altas [...]. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa da tinteira malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhava monótono [...].”

Havia ruas largas, todas muito semelhantes, [...] e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã [...].”

DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 37. (Coleção Clássicos)

Questões

1. Como Charles Dickens descreve a cidade fictícia de Coketown em seu romance?
2. A industrialização alterou o cotidiano e a maneira de viver dos trabalhadores ingleses.

Responda em seu caderno

3. O trecho citado acima confirma ou nega esse processo? Justifique.
3. Em sua opinião, a literatura pode ser utilizada como fonte de informação para a escrita da história?

Alimentação e entretenimento popular

A alimentação dos trabalhadores nas cidades industriais inglesas era muito precária. A dieta popular compunha-se de batatas, alguns cereais, cerveja, chá e, em datas comemorativas, algumas carnes. O consumo de trigo e de aveia declinou substancialmente para a maioria da população inglesa, desde o final do século XVIII até as quatro primeiras décadas do século XIX, por causa dos preços inflacionados. A dieta do pão foi substituída pela dieta da batata. Leia a descrição de uma cena típica de refeição de uma família operária daquele período.

“O pai comia primeiro para manter suas forças [...]. Ele comia sozinho ou com a esposa. Os jovens que já ‘ganhavam seu pão’ eram os próximos a sentar à mesa, enquanto os mais jovens ainda vigiavam ansiosos para que os restos não desaparecessem antes de chegar sua vez [...]. Na divisão da comida, as garotinhas eram as mais prejudicadas: as mães achavam que elas não precisavam tanto, ‘não como os garotos!’”

ROBERTS, Robert. The classic slum. In: DECCA, Edgar de; MENEGUELLO, Cristina. *Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores*. São Paulo: Atual, 1999. p. 59. (Coleção História geral em documentos)

Apesar da pressão das fábricas e dos patrões em favor da disciplina e da utilização do tempo exclusivamente para o trabalho, os operários das novas cidades industriais procuravam manter as diversões tradicionais da vida rural, como as movimentadas feiras ao ar livre, e participar de outras formas de entretenimento, como o teatro. Na Feira de Bartolomeo, o maior de todos os festivais, havia exposições de animais selvagens, equitação, pugilismo, apresentações de arlequins e cantores ambulantes.

Responda em seu caderno

Recapitulando

16. Qual era a relação da sociedade inglesa com o meio ambiente no período da industrialização?
17. Como era a vida nas vilas operárias inglesas durante a Revolução Industrial?
18. Como era a alimentação e o entretenimento dos trabalhadores nas cidades industriais?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.010 de 11 de fevereiro de 1990.



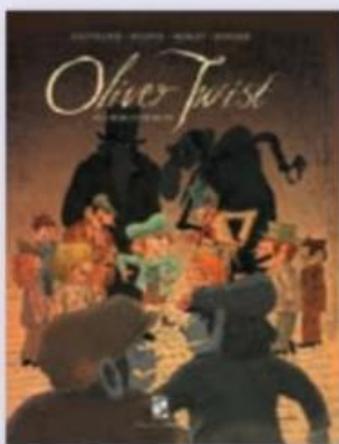
Conexão

Oliver Twist

Charles Dickens. Ilustrações de Olivier Deloye. São Paulo: Salamandra, 2012.

Esta adaptação em quadrinhos da obra de Charles Dickens conta a história de Oliver Twist, um menino órfão que vive nas ruas de Londres no século XIX. Buscando escapar da fome, Oliver tenta sobreviver em meio à miséria e à crueldade da sociedade do período.

A obra procura mostrar a vida difícil das crianças pobres da sociedade industrial que surgia. Miseráveis, essas crianças perambulavam pelas ruas das cidades britânicas, temidas e desprezadas pelos mais ricos.



REPRODUÇÃO

Aprofundando

1. Sobre a restauração da monarquia dos Stuart, responda às perguntas.
 - a) Por que a tensão entre o Parlamento e os Stuart continuou mesmo após a restauração monárquica?
 - b) Por que a Revolução Gloriosa recebeu esse nome? Qual foi a novidade política promovida por ela?
2. O pioneirismo inglês na Revolução Industrial ocorreu por meio de uma conjunção de fatores políticos, econômicos e sociais. Explique esse processo utilizando os itens do banco de palavras a seguir.

Matéria-prima	Fonte de energia
Cercamentos	Mão de obra
Marinha	Monarquia parlamentar constitucional

3. Leia um trecho do romance *Oliver Twist*, do autor inglês Charles Dickens, publicado pela primeira vez em 1838 e, em seguida, responda às perguntas.

“Na ocasião em que uma criança conseguia existir com uma escassíssima porção de alimentos, acontecia, oito vezes em dez casos, que a infame criança tinha a maldade de cair doente de frio e de fome ou deixar-se cair no fogo por descuido; então, partia a desgraçada criaturinha para o outro mundo, onde ia encontrar os pais que não conhecera. [...]

Fosse como fosse, completava ele [Oliver Twist] 9 anos e estava nesse dia no depósito de carvão com dois companheiros, que receberam com ele uma dose de bofetões e foram metidos no dito depósito, por terem tido a audácia de dizer que estavam com fome [...].”

DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Hedra, 2002. p. 28.

- a) Explique a utilização da ironia no seguinte trecho: “acontecia, oito vezes em dez casos, que a infame criança tinha a maldade de cair doente de frio e de fome ou deixar-se cair no fogo por descuido”.

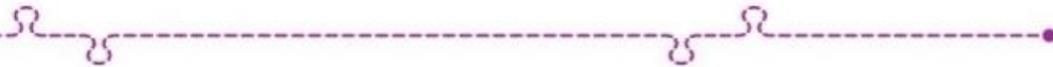
- b) Qual é a relação entre o trecho citado e o contexto da Revolução Industrial que você estudou neste capítulo?
- c) Atualmente, no Brasil, as crianças estão submetidas às mesmas condições que Oliver Twist? Justifique sua resposta.

Aluno cidadão

4. A sociedade contemporânea, criada pela Revolução Industrial, é marcada pela ideia de produtividade, pelo culto ao corpo jovem, pela urbanização e pelo embate entre o “antigo” e o “moderno”, entre a tradição e a inovação. Essa situação se constitui em mais um ingrediente da situação vulnerável em que se encontram os idosos, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, vítimas de maus-tratos. A notificação da violência contra o idoso é um fenômeno recente. Desde 2003, com a promulgação do Estatuto do Idoso, o governo brasileiro vem buscando enfrentar esse problema de maneira mais contundente. Entretanto, os desafios são muitos. Em 2017, a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos registrou 32.632 denúncias de violação aos direitos dos idosos: exploração financeira, violência física e psicológica, abandono e isolamento social são os tipos mais comuns. A carência afetiva e financeira ajuda a explicar esses números. Na maioria dos casos, o agressor é um parente próximo da vítima.
 - a) De que maneira a Revolução Industrial lançou uma visão depreciativa sobre a velhice?
 - b) Em sua opinião, por que os familiares dos idosos são, na maioria dos casos, seus próprios agressores? A que tipo de violência os idosos estão sujeitos?
 - c) Quais são os direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso? Pesquise sobre o assunto e discuta formas de torná-los efetivos.
 - d) E você, como quer ser tratado quando for idoso?

Conversando com Geografia

5. Na Inglaterra do início do século XIX, o crescimento acelerado e desordenado dos centros industriais acarretou grandes problemas na ocupação dos espaços, modificando a paisagem urbana e a interação humana com a natureza. A esse respeito, analise a imagem e leia o texto para responder às questões.



“A natureza, em qualquer outro sentido que não dos aperfeiçoadores [industriais], moveu-se para as margens: para as áreas remotas, inacessíveis e relativamente estéreis. A natureza estava onde a indústria não estava. [...] À medida que a exploração da natureza continuava em ampla escala, as pessoas que conseguiam maior lucro voltaram-se (e foram bastante engenhosas) para uma natureza ainda virgem, para terras compradas e refúgios naturais.”

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 108-109.



Trabalhadores em mina de ferro, gravura de George Child, 1840. Museu Nacional do País de Gales, Cardiff, Reino Unido.

- a) Qual é o título da gravura? Em qual contexto histórico ela foi produzida?
- b) As pessoas representadas na gravura pertencem a qual classe social?
- c) “A natureza, em qualquer outro sentido que não dos aperfeiçoadores [industriais], moveu-se para as margens [...] A natureza estava onde a indústria não estava”. A paisagem retratada na gravura confirma ou nega essa passagem do texto? Justifique.
- d) A análise da imagem e a leitura do texto indicam que a partir da Revolução Industrial passou a ocorrer um comportamento contraditório quanto à natureza. Que comportamento é esse? Justifique.

Enem e vestibulares

6. (Enem-MEC/2016)



A forma de organização interna da indústria citada gera a seguinte consequência para a mão de obra nela inserida:

- a) ampliação da jornada diária.
- b) melhoria da qualidade do trabalho.
- c) instabilidade nos cargos ocupados.
- d) eficiência na prevenção de acidentes.
- e) desconhecimento das etapas produtivas.

Frank & Ernest (1996), tirinha de Bob Thaves.